



REPRESENTAÇÕES DE LUTA E RESISTÊNCIA FEMININA NA POESIA POPULAR

Maria Suely da Costa

Universidade Estadual da Paraíba, mscosta3@hotmail.com

Resumo:

O que se pretende neste trabalho é apresentar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da mulher negra em textos da literatura de cordel de autoria da cordelista Jarid Arraes. Para tanto, pretende-se destacar, desse universo, as produções literárias, que dão ênfase à biografia das heroínas negras brasileiras, investigando as representações identitárias e de luta dessas heroínas. O estudo, de natureza bibliográfica, analisou o modo de representação de mulheres negras em suas lutas e resistências mediante às formas de exploração, preconceito e discriminação. Um estudo por esse viés temático tende a não somente tornar conhecida uma dada representação da mulher negra em contextos e cenários vários, como também possibilitará uma leitura comparativa dessa produção no sentido de melhor compreender as formas de como essa modalidade literária detém a representação do imaginário de povo. Sob a ótica do ensino, refletir sobre tais representações contribui também para que identifiquemos a literatura de cordel sob uma ótica mais contextualizada, transformadora, comprometida com o social. Implica ainda buscar compreendê-la inserida em uma ação educativa, comprometida com a construção de uma sociedade democrática, preocupada com os aspectos em relação às histórias de vida, à diversidade étnico-racial, cultural e social.

Palavras-chave: Resistência. Mulher negra. Cordel.

Introdução

Não é raro encontrar a representação de uma desumanização da personagem mulher na literatura. Do ponto de vista da etnia, a historiografia literária nacional revela que a personagem do negro tem sido sempre colocada como vítima de um processo meramente histórico, escravagista, que até hoje provoca um olhar descentrado e naturalizador, marcado acima de tudo por estereótipos (Cf. RABASSA, 1965; SAYERS, 1958; BROOKSHAW, 1983). De certo modo, o que se revela nesses estudos é uma busca por uma dada sintonia entre as práticas sociais, culturais e a história político-social do país. No que diz respeito às discussões sobre raça, segundo Telles (2003), é possível demarcar ao menos três períodos históricos distintos na evolução do pensamento brasileiro: o primeiro, a supremacia branca e a ênfase no branqueamento, do século XIX ao início do século XX – este período foi marcado pela influência das “teorias raciais”, teorias ditas científicas que tinham como objetivo provar que havia uma raça superior (a branca) e raças inferiores (os negros, por exemplo), propondo uma “hierarquia de tipos biológicos” que validava a dominação e a



exploração racial. O segundo período é o da democracia racial, dos anos 30 aos anos 80 do século XX – momento em que a ideia da “democracia racial”, desenvolvida por Gilberto Freyre, marcou a mudança de perspectiva com relação à miscigenação, vista agora como um aspecto positivo e que marcava a singularidade da cultura e da identidade nacionais, enfocando as relações horizontais e a convivência pacífica entre brancos e negros. Já no terceiro momento, surge a emergência da questão racial como tema de políticas públicas, a partir de 1980. Momento em que o processo de redemocratização, abre espaço para as reivindicações de diversos movimentos sociais, até então reprimidos.

A propósito do citado contexto, o viés dessa pesquisa direcionou-se, então, no sentido de verificar e identificar produções cujo discurso tenda a superar visões estereotipadas. Tal condição se justifica, frente ao contexto contemporâneo em que o exercício da literatura associa-se, também em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, conduzindo, entre outros aspectos, à preocupação com a singularização cultural da etnia afrodescendente, conforme apresentado por Proença Filho (2005), dentre outros estudiosos. A propósito do citado contexto, o viés dessa pesquisa teve por ênfase a representação da mulher negra, em foco em cordéis biográficos com exemplo de heroínas negras símbolo da resistência, na luta contra a escravidão e o preconceito.

Metodologia

Essa pesquisa, de cunho bibliográfico, da qual faz parte este trabalho, tem como objeto de estudo folhetos de cordéis de autoria da poetisa Jarid Arraes. Também foram consultados referências bibliográficas de estudiosos que abordam a temática da representação da mulher negra na literatura. Em função do foco temático, recorreremos a uma fundamentação teórica voltada para as questões do negro assim como Bernd, 1988; Brookshaw, 1986; França, 1998; Queiroz Junior, 1975; Maxado, 1994; Moura, 1976; Munanga, 2003; Reis, 2003, dentre outros. Outro ponto de interesse está focada na linguagem literária, enquanto instrumento de resistência, conforme pontua Bosi (2002).

A construção discursiva em função da concepção e reconhecimento das diversidades étnico-racial, com suas especificidades no processo de construção sociocultural do país, faz parte dessa dinâmica de análise em curso.



Resultados e discussão

A análise dos cordéis “Aqaltune”, “Dandara dos Palmares”, “Tereza de Benguela”, “Tia Simoa” e “Luisa Mahin” de Jarid Arraes possibilitou compreender a respeito das histórias de mulheres negras, personagens reais, que viveram no período Pré-abolição no Brasil. Muitas semelhanças entre elas puderam ser encontradas, no entanto, o que mais se destaca é o fato dessas mulheres não aceitarem o destino que lhes foi imposto de sofrimento, escravidão e dor; e lutaram por liberdade. Outro ponto comum entre elas é a falta de reconhecimento social, uma vez que o papel de destaque em geral é o masculino em um contexto racista. É válido ressaltar que, mesmo ofuscadas pelo racismo e pelo machismo, do ponto de vista literário, essas heroínas ganham destaque através da estética de cordel, em perspectiva de valorização de uma luta e resistência, possibilitando, assim, que suas histórias de mulheres valentes tornem-se conhecidas por muitos:

Nossa história é racista
E também contem machismo
É por isso que Luísa
É um forte antagonismo
Apesar do esquecimento
Ela enfrenta esse cinismo

[...]

Uma história como a dela
Deveria ser contada
Em todo livro escolar
Deveria ser lembrada
No teatro e no cinema
Que ela fosse retratada.

(ARRAES, 2014, p. 7)

Traços como “bela”, “guerreira”, “gênio vingador”, “rebelde”, imponente”, “corajosa”, “forte referência” demarcam a representação biográfica da negra Luisa Mahin no cordel, dando mostra de luta e coragem.

O cordel “Aqaltune” trata da história de uma Princesa guerreira, filha do rei do Congo, que liderou um exército de 10.000 homens em batalha. Foi derrotada, capturada e vendida como escrava reprodutora, cuja condição a fez experimentar a dor do estupro. Aqaltune ouviu falar de Palmares e, ainda que reduzida a essa função, não perdeu a coragem. Embora em estado de gravidez avançada, fugiu, liderando um grupo de 200 pessoas para a liberdade. Chegando em Palmares, foi reconhecida como da Realeza e tornou-se líder do Quilombo.

Junto com outras pessoas
Negras de muita coragem
Aqaltune fez a fuga



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Mesmo com toda voragem
Foi parar em um quilombo
E falou de sua linhagem.

(ARRAES, 2014, p. 4)

A mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi dos Palmares foi mulher de relevância, uma guerreira hábil, reconhecida por sua gente mesmo depois de sua morte. A sua importância teve em sua prole de sangue forte a perpetuação de sua luta:

Mas a sua importância
Muito mais se mostraria
Não se sabe com certeza
Mas pelo que se anuncia
Aqultune teve um filho
E Ganga Zumba ele seria.

Segundo essa tradição
Foi avó doutro guerreiro
De imensa relevância
Para o negro brasileiro
Era Zumbi dos Palmares
Liderança por inteiro.

[...]

Quando penso em Aqultune
Sinto esse encorajamento
A vontade de enfrentar
De mudar nesse momento
Tudo aquilo que é racismo
E plantar conhecimento.

(ARRAES, 2014, p. 5 e 8)

O Cordel “Dandara dos Palmares” trata da biografia da esposa de Zumbi. Ninguém sabe onde ou quando ela nasceu. Sabemos que a sua história começa com sua luta pela liberdade. Não era dada a tarefas domésticas, preferia a guerra. Era capoeirista e sabia usar armas, liderava batalhas sem aceitar acordos ou rendição. Foi no Recife que Dandara encontrou seu fim, quando tentou tomar a cidade e foi derrotada. Ela poderia ter se rendido, mas a mulher de coragem jogou-se de uma pedreira, preferindo a morte à escravidão. Tornou-se mais que um exemplo, uma Mártir da Resistência:

Pra falar dessa guerreira
Faço humilde reverência
Pois Dandara dos Palmares
Tem importante influência
É para as mulheres negras



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cheias de resiliência.

[...]

Liderança feminina
Forte com convicção
Ela jamais aprovou
Tratado de rendição
Discordou de Ganga-Zumba
Em prol da revolução

(ARRAES, 2014, p. 1 e 2)

Vista como “dura” e “radical”, Dandara é representada como mulher lutadora, capoeirista, cujo ideal era a liberdade plena. Na história é vista como um expoente de mulher inspiradora pra o Feminismo Negro. Preferiu se matar como um gesto de “pura coragem” a ter que se entregar à servidão.

No Estado do Mato Grosso havia um grande Quilombo chamado Quariterê. Este fora liderado por João Piolho e Tereza de Benguela, heroína negra que dá nome a mais um cordel biográfico de autoria de Jarid Arraes. Quando João Piolho, seu esposo, morreu, Tereza sozinha tornou-se rainha do quilombo, auxiliada por um conselheiro e um parlamento. Era um Quilombo rico, cultivavam feijão, milho, algodão e banana, para o consumo e a comercialização. Tinham também forjas, onde as correntes de sua escravidão tornavam-se armas da resistência. Em 1770, o quilombo Quariterê foi atacado e cerca de 100 pessoas foram assassinadas. Tereza foi presa, adoeceu e morreu alguns dias depois. Como tentativa de enfraquecer a revolução, Tereza teve a cabeça cortada e exposta como um prêmio. Mas o legado de exemplo que ela deixou foi a força da mulher:

Um exemplo muito grande
É Tereza de Benguela
A rainha de um quilombo
Que mantinha uma querela
Contra o branco opressor
Sem aceite de tutela

[...]

Que seus feitos importantes
Não mais sejam esquecidos
Que o racismo asqueroso
Não lhes deixe escondidos
Pois são para o povo negro
Exemplos fortalecidos.

(ARRAES, 2014, p. 2 e 7)



O Cordel “Tia Simoa” traz a biografia da escrava liberta que viveu no Ceará. Tia Simoa era esposa de José Luiz Napoleão, famoso líder da “greve dos jangadeiros”. A greve começou quando os jangadeiros recusaram-se a transportar os escravos dos navios negreiros até o porto de Fortaleza. A história oficial não registra a presença de Tia Simoa, uma vez que nenhum dado consta no relato oficial. Mas ela participou ativamente do levante, liderando ao lado do marido. Assim, como a negra Dandara, Tia Simoa também foi ofuscada. Contudo sua força e vontade de lutar perante injustiças ganharam fama e memória, tal qual fragmento do poema:

Essa história é conhecida
Mas esconde a personagem
A mulher fortalecida
Que nos é a forte imagem
Feminina a negritude
Rica força de atitude
Coroadada com coragem.

(ARRAES, 2014, p. 2)

A linguagem do cordel chama atenção para a necessidade de “acabar com o esquecimento” para com figuras, a exemplo de Tia Simoa, cuja história, “Com a força de leoa” / “Que deve ser propagada”. Para isso,

Basta usar a internet
E “simoa” ali buscar
Pois existe sua história
Que precisa se espalhar
É de fácil entendimento
Pra acabar o esquecimento
Devemos compartilhar

(ARRAES, 2014, p.5)

O cordel “Luísa Mahin” conta a história da mãe do poeta Luís Gama, grande liderança na luta contra a escravidão no Brasil. Nascida no século XIX, de origem africana, vinda da Costa da Mina, Luísa Mahin afirmava ser princesa. Foi vendida como escrava, mas, em 1882, foi alforriada e passou a sobreviver do trabalho de quituteira, função que a ajudou na revolução de Malês. Ela enrolava seus quitutes em mensagens escritas em Árabe e espalhava entre os envolvidos em revoltas e levantes de escravos. Depois sua estratégia fora descoberta, durante a chamada revolta da Sabinada, momento que foi perseguida e encontrada. Não se sabe ao certo o que aconteceu com Luísa, alguns afirmam ter sido enviada para Angola. Fato são os registros de sua inteligência e coragem que lhes garantiram lugar de destaque entre heroínas negras resistentes:



As revoltas e levantes
Dos escravos na Bahia
Tinha a participação
Que Luísa oferecia
Sua contribuição
Era de grande valia

(ARRAES, 2014, p.2)

O que poeta e filho Luís Gama escreveu sobre sua mãe Luísa Mahin é lembrado no cordel biográfico de Jarrid Arraes:

Luís da Gama que escreveu
Sobre ela registrou
Era magra e muito bela
Dentes alvos como neve
De um gênio vingador.

(ARRAES, 2014, p. 4)

O cordel pontua muito bem os traços de coragem, valentia e resitência da heroína Mahin na condição de referência:

E para as mulheres negras
Mahin é uma referência
Um espelho poderoso
Dessa forte resitência
É coragem feminina
E também resiliência.

(ARRAES, 2014, p. 4)

É visível, pois, que os cordéis biográficos citados inserem uma nova representação da mulher negra na literatura. O ponto positivo dos cordéis está em tornar conhecida uma representação da mulher negra de modo afirmativo, de identidade de luta e resistência. Além disso distante de uma linguagem marcada por estereótipos negativos do negro tão comum na literatura.

Segundo Maxado (1994), o fato de que na literatura de cordel ter uma representação muito marcada de preconceito sobre o negro ocorre principalmente pela própria influência do contexto sobre os escritores brasileiros, principalmente daqueles que apresentaram um Nordeste sofrido, de seca, e de população miserável. Para o autor, “Há sempre preconceito contra o negro. Entretanto, hoje muitos autores procuram mostrar o negro sobre outro ângulo. Há também mitos negros, que são mais conscientes, contribuindo para a mudança do estereótipo”. (MAXADO, 1994, p. 93).



Essa mudança de foco do estereótipo pode ser verificada na construção dos cordéis escritos por Jarid Arraes, aspecto relevante se comparado a outros cordéis escritos cujo traço de representações negativas e inferiorizadas dos negros tende a ser muito presente (FRANÇA, 1988);

Conclusão

Os cordéis biográficos aqui apresentados como objeto de estudo acabam por pautar no contexto literário de cordel um conjunto de representações socioculturais positivas em relação às mulheres negras, apresentadas na condição de heroínas no período Pré-abolicionista no Brasil.

Os aspectos heróicos e afirmativos dessas mulheres se sustentam na capacidade de que cada uma, na sua singularidade, teve em enfrentar as adversidades com coragem e determinação. Bravura, resistência e desejo de liberdade moveram as ações dessas mulheres que deram a vida em prol de um bem coletivo: manter vivas e livres as raízes do povo africano ou afro-brasileiro para além da escravidão.

Enquanto material de fácil acesso, os cordéis tendem a funcionar como um instrumento que muito pode contribuir para minimizar o esquecimento para com mulheres negras atuantes no contexto do Brasil. De modo que, enquanto importantes líderes quilombolas, atuantes em movimentos libertadores, as mulheres negras aqui citadas são exemplos de capacidade estratégica, coragem e desejo de transformação em um contexto profundamente machista e racista.

No contexto literário, tais representações contribuem também para que identifiquemos a literatura de cordel sob uma ótica mais contextualizada, transformadora, comprometida com o social. Implica ainda buscar compreendê-la inserida em uma ação educativa, comprometida com a construção de uma sociedade democrática, preocupada com os aspectos em relação às histórias de vida, à diversidade étnico-racial, cultural e social.



Referências

- ARRAES, Jarid. *Aqaltune*. 2014.
- ARRAES, Jarid. *Dandara dos Palmares*, 2014.
- ARRAES, Jarid. *Luisa Mahin*, 2014.
- ARRAES, Jarid. *Tia Simoa*, 2014.
- ARRAES, Jarid. *Tereza de Benguela*, 2014.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estudos Avançados. Scielo, São Paulo, 15-24 p. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100017&script=sci_arttext. Acesso em: 12 jun. 2005.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. 1975. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática.
- MAXADO, Franklin. *O negro na literatura de Cordel*. Feira de Santana. Revista Sitientibus, n. 12, p. 93-100, 1994.
- MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel: tentativa de análise sociológica*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.
- MUNANGA, Kabengele. *Cem anos e mais de Bibliografia sobre o negro no Brasil*. São Paulo: USP; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.
- RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Tradução de Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Edições Cruzeiro: Rio de Janeiro, 1958.